CONTRA O FASCISMO E A MISERDA

E URGENTE ERGUER AS MASSAS POPULARES!

(projecto de resolução do Comité Central)

Cresce a onda fascista

A situação nacional continua dominada pela crescente ameaça fascista. Sucedem-se as acções repressivas, desdobra-se uma ofensiva em todas as frentes contra as donquistas e liberdades populares. Os altos comandos reaccionários e os partidos da direita, defensores dos interesses da grande burguesia e do imperialismo americano, estao dispostos a levar até ao fim aquilo que começaram no 25 de Novembro, ou seja, liquidar todas as liberdades e estabelecer uma ditadura terrorista contra o povo.

Para isso, ocupam aceleradamente os postos-chave no Exército, no Estado e nos meios de informação, com o objectivo de tomar o poder antes das eleições de Abril. Têm como chefes, além do criminoso Spínola no exterior, o nazi Kaulza, libertado como heroi, Loureiro Santos e Jaime Neves. Recebem o apoio activo da CIA americana e dos fascistas espenhois.

Com o infame relatório sobre o 25 de Novembro e a prisão do general Otelo, anti-fascista e patriota que merece a estima do povo, esses chefes militares vendidos renegam o 25 de Abril, apresentam os fascistas como vítimas inocentes, acusam os anti-fascistas de "contra-revolucionários" e preparam uma campanha repressiva em larga escala.

Em íntima colaboração com os conspiradores militares, actuam os chefes fascistas do CDS, PPD e PDC, lançados na ofensiva contra as liberdades, contra a reforma agrária e os órgãos de vontade popular. Serevem-se tanto do descontentamento dos agricultores, manipulados pelos agrários e grandes comerciantes, como dos atentados terroristas indiscriminados. O seu objectivo é dividir o povo e criar nas massas um clima de intimidação e passividade que facilite o triunfo do golpe militar.

O VI governo é o instrumento activo desta politica reaccionária. Lança uma brutal ofensiva contra as massas trabalhadoras na frente económica, com a carestia galopante, o congelamento dos salários, os despedimentos, satisfazendo todas as exigências da grande burguesia e do imperialismo, que acumulam super-lucros à sombra da inflação e da especulação. Lança com cada vez maior frequência a PSP e a GNR contra o povo, persegue e despede dos seus empregos os activistas sindicais e dos OVP e liberta os pides aos centos alegando "falta de provas": O VI governo reconstitue rapidamente todas as condições para o fascismo. Pinheiro de Azevedo, Ramalho Eanes e comparsas fazem todas as vontades aos fascistas e, a pretexto de os acalmar, entregam-lhes o poder.

Manejando tudo por detrás da cortina estão os imperialistas americanos e do Mercado Comum, lançados na contra-ofensiva para não deixarem Portugal escapar-se para a órbita de influência do social-imperialismo soviético. Acenam com empéstimos e investimentos, criando a miragem de vão ajudar a recompor a economia nacional da crise em que se debate; mas na realidade a sua "ajuda" tem como único objectivo submeter inteiramente Portugal ao seu controle económico e politico e apressar o avanço para a direita. Falando na necessidade dum governo "estável" em Portugal, os imperialistas preparam de facto o triunfo do fascismo, do único regime em que vêm garantias de defesa dos seus privilégios sobre a nossa Pátria.

A social-democracia na encruzilhada

Na sua corrida para o golpe, as forças fascistas entram em conflito cada vez mais aberto, não só com a massa do povo, como com a direcção do PS e o grupo dos 9, com quem inicialmente colaboraram para dopois lhes treparem às costas. À volta das arrastadas negociações e crises de palácio em tormo do nevo pacto MFA—partidos, sobre os poderes do Conselho da Revolução e sobre o sistema e datas das eleições, trava—se uma disputa acesa entre "operacionais" e "políticos", ou

seja, entre fascistas e reformistas.

Nesta luta, a balança inclina-se cada vez mais para a direita, porque as forças da grande burguesia e o imperialismo americano e alemão vêm numa ditadura terrorista o único meio de restabelecer o seu poderio económico e politico, profundamente abalados pelas machadaadas que lhe aplicou o movimento popular democrático depois do 28 de Setembro de 1974. D fascismo é a solução preferida do grande capital monopolista, quando se vê estrangulado pela crise e pelos avanços do movimento popular. Mário Soares, Melo Antunes e todos os demais reformistas podem agora dar o balanço da sua politica impopular de aliança com a direita e de subserviência perante o imperialismo, na mira de se instalarem à frente dum regime social-democrata. As suas manobras reformistas só serviram para fazer a cama ao fascismo. Agora poe-se-lhes uma escolha decisiva que não podem iludir por mais tempo: vão alinhar no campo do fascismo ou no do anti-fascismo? Não há terceira via.

Os cunhalistas de joelhos continuam a trair

O grupo renegado de Alvaro Cunhal, que chefia o falso Partido "Comunista" atravessa uma profunda crise, em resultado da sua politica golpista e aventureira
nos meses de Outubro-Novembro, quando tentou derrubar o governo para lá instalar
os seus amigos. Do aventureirismo mais tresloucado, ao serviço das ambições imperialistas soviéticas sobre a Península, passou agora para a capitulação mais abjecta. De jolehos perante os fascistas, Cunhal vem à televisão lamentar, os"excessos", pede que não o expulsem do governo, onde ainda pode prestar bons serviços
ao regime burguês, esforça-se por sabotar os protestos populares contra a repressão e a carestia, morde venenosamente os militares democratas de quem ontem se
serviu, ataca cheio de ódio o nosso Partido, a UDP e todas as forças de esquerda,
apontando-os à repressão.

Contudo, seria um grave erro supor que a clique de Cunhal está definitivamente desmascarada junto das massas como aquilo que é, uma força contra-revolucionária de fachada "comunista". A capacidade demagógica dos revisionistas não se esgota por si; ela renova-se continuamente, apesar de todas as traições, enquanto eles puderem aparecer aos olhos das massas como o único grande partido de "esquerda". Centenas de milhares de trabalhadores depositam apesar de tudo a sua confiança no grupo cunhalista como o "mal menor" e continuam a ser joguete das suas manobras. Neste momento, lançando novas campanhas pretensamente anti-fascistas (apesar de estar no governo!) e contra a carestia, os renegados cunhalistas preparam-se para recomeçar mais um ciclo de traições ao movimento popular, desviando-o da via revolucionária independente. O revisionismo é um veneno que só um forte e autêntico Partido Comunista, implantado nas massas e dirigêndo-as diâ-riamente, consegue destruir.

A saída está na luta de massas

O povo não tem outra alternativa senão lutar contra a avançada fascista, contra a fome e a miséria. Como afirma a Resolução Politica do nosso Congresso, o fascismo não é inevitável. O povo tem em si forças suficientes para lhe fazer frente com um barreira intransponivel contra a qual se despedaçará. Mas para isso é preciso avançar, sem perder um dia nem uma hora sequer, no alargamento da luta popular organizada. A grande frente anti-fascista e patriótica que é o objectivo central do nosso Partido no momento actual, surgirá da luta e só da luta. Luta de massas contra o fascismo, contra a repressao, contra a carestia, a especulação e o desemprego, em defesa das liberdades e conquistas populares.

Contra todos aqueles que tentam aterrorizar o povo e o aconselham a não lutar para não enfurecer os fascistas e para dar mais possibilidades a um regime social—democrata, o Partido indica que só a luta popular de massas abrirá uma saída à perigosa situação que vivemos. Só ela sacudirá a desmoralização e o medo, desencadeará forças que hoje parecem adormecidas, forçará os revisionistas a tirar a máscara de falsos amigos do povo, isolará os fascistas, anulará as suas manobras e planos tenebrosos, tirando—lhes a capacidade militar e política para desferirem o golpe.

dirigir-se mais à squede e m ao M.S. Porquê, apesar do desejo de luta das massas e dos marxistas-leninistas, sofremos um tao grande recuo desde Agosto do ano passado? O nosso Partido Coxunista tem que saber responder com clareza a esta pergunta; se não o soubesse fazer, ficaria incapacitado pra tomar a cabeça do movimento popular, para construir a ampla frente que os interesses do povo exigem, veria impotente o fascismo abater-se sobre o povo para o massacrar.

O Comité Central considera que o erro fundamental dos antigos grupos foi a recusa a definirem uma alternativa politica imediata, limitando-se na maior parte do tempo a agitar palavras de ordem estratégicas, como a "revolução3, 3governo popular", "ditadura do proletariado", etc. Actuando no plano táctico diário com palavras de ordem estratégicas, os antigos grupos caminharam em linha recta para o "esquerdismo", ficaram prisioneiros de afirmações de principios justas mas que não abriam caminho imediato à luta popular na maioria dos casos. Sob as grandes frases, instalou-se nos grupos a falta de perspectivas políticas e tácticas, a tendência para o "esquerdismo" anarquizante, para o obreirismo e o aventureirismo.

O Comité Central considera que a tarefa mais imperiosa para o nosso Partido no momento actual é deixar de confundir a luta anti-revisionista com o "esquerdismo", cortar de vez com a resistência à táctica. A experiência mostrou que não são as palavras de ordem tácticas, se ajustadas à situação, que geram o oportunismo. Em Agosto a palavra de ordem de apoio ao programa dos oficiais progressistas do Copcon não gerou o oportunismo, pelo contrário, impulsionou poderosamente para diante o movimento popular. Foi o seu abandono nos meses seguintes que gerou nas massas a perda de perspectivas políticas imediatas duma saída para a situação, as conduziu à perda de dinamismo e a alimentarem ilusões na imiciativa das altas personalidades militares ou civis, a receairem em parte sob a influência de palavras de ordem revisionistas.

Apresentar às massas uma alternativa viável para a situação actual, mobilizá—
—las na luta por essa alternativa, é correcto, é marxista—leninista, porque lhes
dá um ponto de apoio para novos e maiores avanços futuros. Só o desconhecimento
do leninismo tem permitido que até agora os grupos se cingissem à agitação em abstracto de palavras de ordem revolucionárias. É um erro que o nosso Partido tem
que corrigir desde já, a fim de poder aplicar a linha de massas traçada pelo Congresso.

O Partido só conseguirá explorar todas as possibilidades politicas da conjuntura actual e barrar o caminho ao fascismo se souber apresentar, para além da perspectiva da revolução democrática e popular, a alternativa politica que se pode abrir a curto prazo à ameaça fascista. Face ao actual governo reaccionário e à avnçada do fascismo, o Partido deve mobilizar os trabalhadores e todo o povo na luta por um governo que geranta as conquistas democráticas arrancadas desde o 25 de Abril. O Partido deve afirmar claramente e mostrar na prática que está disposto a trabalhar com todas as forças democráticas e patrióticas para derrotar a direita fascista e levar ao poder um governo de defesa da democracia e da independencia nacional. Sexámentadores estandadores estandadores e todo o potro de defesa da democracia e da independencia nacional. Sexámentadores estandadores estandadores estandadores estandadores estandadores estandadores estandadores estandadores e todo o potro de defesa da democracia e da independencia nacional. Sexámentadores estandadores estadores estandadores estandadores estadores estadores estandadores estadores estadores estandadores estadores estandadores estadores e

éputito de la la mir a FAP e não já o gorumo.

Isto não significa que o Partido se deva envolver em negociações para a constituição de tal governo. O Partido deve sim redobrar de esforços na mobilização das massas em torno das suas reivindicações essenciais do momento, tal como foram definidas na Resolução Politica do Congresso:

- luta contra o golpe fascista, pela libertação miediata do general Otelo e demais patriotas, pela prisão e julgamento dos pides e fascistas, contra os crimes da GNR e PSP, contra as conspirações dos altos comandos spinolistas;
- luta contra a disciplina militarista nos quarteis, pelo direito dos soldados à palavra e à reunião, contra o exército mercenário que se prepara;
- luta por aumentos imed atos de salários que façam face à carestia, contra os pepeculadores e o mercado negro, contra os despedimentos, por trabalho

para os desempregados;

- luta em defesa dos órgãos de vontade popular, pelo direito ao seu funcionamento democrático e à legalidade, para que a vaz do povo não seja abafada
 - luta em defesa da reforma agrária conquistada no Sul, em defesa das cooperativas, contra o estrangulamento económico e a repressão do governo;
- luta em apoio das reivindicações dos camponeses pobres e médios do Norte e Beiras, contra o aumento das rendas, os intermediários, os altos preços dos
 produtos industriais para o campo, pela elevação dos preços dos produtos agriclas.

Ao mesmo tempo que conduz as mais variadas lutas de massas contra o Bascismo e a miséria, o Partido deve seguir uma politica de alianças aberta e flexivel, chamando à acção todas as forças susceptiveis de serem mobilizadas.

A tendência que se está a verificar para a desintegração de certos grupos radicais que até há pouco flutuavam na maré do triunfalismo, é o sinal dum realinhamento de forças forças politicas perante a dura realidade da avançada reaccionária. O Partido deve imediatamente estabelecer contactos com as fracções desses grupos mais viradas para a luta popular, evitar que caiam na órbita dos social-democratas, dos revisionistas ou dos trotzkistas, fazer-lhes propostas concretas e yiáveis para acções comuns contra a conspiração dos generais, contra a repressão, contra o abafar das liberdades, estudar a possibilidade de plataformas eleitorais conjuntas com as forças de democracia popular.

O Partido deve igualmente procurar contactos com oficiais anti-fascistas, a judar a que se reorganize nas forças armadas o campo dos que querem lutar contra a ameaça fascista e aspiram à independência de Portugal perante as duas superpotências. Deve atrair às mais variadas acçoes comuns todos os anti-fascistas e patriotas sem distinção, encontrando formas de colaboração flexigeis e libertando-os dos manejos traiçoeiros dos revisionistas que procuram condená-los à impotência sob grandes frases "democráticas".

Actuando e intervindo em todos os sectores, concentrando o grosso dos seus esforços na mobilização da classe operária, dos camponeses e das grandes massas trabalhadoras, mas não desprezando também as possibilidades de unificação na acção de anti-fascistas e patriotas de todas as condições, o Partido ajudará a engrossar o grande caudal da frente de luta do povo português, conseguirá barrar a passagem à fera fascista que mais uma vez pretende sugar o sangue e a carne dos trabalhadores e do povo ao serviço do grande capital monopolista e do imperialismo.

Janeiro 1976